



Ano I Nº 363
23 de Março de 2010

Índice

Lula e Dilma confirmam presença	01
Participação de metalúrgicas pode dobrar no ABCD	02
Congresso deve fortalecer reivindicações femininas	03
Greve geral paralisa França	04
Diretor do Vox Populi vê vitória de Dilma	05
Vicente Paulo da Silva – Proteção aos trabalhadores	06

INTERNACIONAL

2º Congresso da Mulher Metalúrgica do ABC

Lula e Dilma confirmam presença

A Confederação Nacional dos Metalúrgicos da CUT transmite, ao vivo, todo o evento que acontece entre os dias 25 e 27 de março, na sede do Sindicato dos Metalúrgicos do ABC, aqui pelo Portal



Presidente Lula e a Ministra Dilma Rousseff estiveram na comemoração de 50 anos do Sindicato em 2009

Começa na próxima quinta, 25, o **2º Congresso da Mulher Metalúrgica do ABC**, evento promovido pelo **Sindicato dos Metalúrgicos do ABC**.

Também nesta data, a **FEM/CUT-SP** realizará o **1o Encontro Estadual da Mulher Metalúrgica: "Mulher é Política"**, que acontecerá na sede da **FEM e CNM/CUT**, em São Bernardo do Campo, na Av. Antártico, 480.

Segundo o **Sindicato dos Metalúrgicos do ABC**, o presidente Lula e a ministra e candidata à sucessão presidencial pelo PT, Dilma Russef, participarão da solenidade de abertura do Congresso.

Nesta terça, 23, o presidente do Sindicato dos Metalúrgicos do ABC, Sérgio Nobre, concederá entrevista coletiva à imprensa na sede do sindicato.

Na ocasião, Nobre divulgará estudo inédito da Subseção Dieese do Sindicato sobre o perfil completo da Mulher Metalúrgica (idade, salário, escolaridade, ramo etc.) e além disso detalhará os preparativos e a programação do 2º Congresso da Mulher Metalúrgica do ABC.

O presidente do SMABC também falará sobre a participação do presidente Lula e outras autoridades e convidados no evento.

Transmissão ao vivo - O Portal dos Metalúrgicos do Brasil transmite o evento na íntegra, ao vivo. Basta acessar www.cnmcut.org.br para acompanhar a transmissão em vídeo. Os internautas ainda poderão participar de um chat, interagindo com o evento. Não fique de fora!

Imprensa CNM/CUT e Imprensa FEM/CUT-SP

Participação de metalúrgicas pode dobrar no ABCD

Expectativa é que 2º Congresso das Mulheres Metalúrgicas do ABC aumente número de trabalhadoras na categoria

Foto: Luciano Vicioni

Pela segunda vez na história, as trabalhadoras metalúrgicas do ABCD organizam um congresso em defesa dos interesses das mulheres da categoria. Enquanto em 1978, quando aconteceu o 1º Congresso da Mulher Metalúrgica, a luta era pela conquista da democracia, o encontro que começa na próxima quinta-feira (25/03) definirá políticas em defesa da igualdade de gênero que serão defendidas nas próximas negociações coletivas. A expectativa do Sindicato dos Metalúrgicos do ABC é que a aplicação das medidas façam o volume de mulheres na categoria dobrar nos próximos cinco ou seis anos.



Sérgio Nobre apresentou dados da participação feminina na categoria.

Isso porque, desde 1978 até 2010 a participação das metalúrgicas na base do Sindicato se manteve inalterada. “Naquela época, os empresários diziam que o número de mulheres era pequeno porque o trabalho na metalurgia era pesado demais para as mulheres. De 1978 pra cá ocorreu uma revolução tecnológica e hoje quase não se faz esforço físico para trabalhar na metalurgia. Mesmo assim, as mulheres continuam sendo 14% da categoria”, afirmou o presidente do Sindicato, Sérgio Nobre, durante coletiva de imprensa nesta terça-feira (23/03). São 13,7 mil mulheres num universo de 97,4 mil trabalhadores.

No evento, a subseção do Dieese (Departamento Intersindical de Estudos e Estatísticas Sócio-Econômicos) da entidade apresentou dados sobre o perfil da participação feminina na categoria. As informações contribuirão para a definição de políticas que serão formuladas durante o 2º Congresso das Mulheres Metalúrgicas, que acontece até sábado (27/03). A expectativa é amenizar as disparidades entre trabalhadores e trabalhadoras do ABCD.

Durante a apresentação, o presidente do Sindicato dos Metalúrgicos destacou que estas políticas serão adotadas como prioridades nas futuras negociações coletivas. “Estamos com ambiente propício para debater a igualdade de gêneros, pois temos dois fatores favoráveis: vivemos ambiente de crescimento da economia, em especial da Região, e temos a democracia estabelecida. Em 1978, a luta não era pela igualdade de gênero, era pela democracia.”

Dados – Apesar dos salários das mulheres da base do Sindicato dos Metalúrgicos do ABC serem, em média – R\$ 2.326,44 –, 53% maiores do que os das metalúrgicas no Brasil e 30% superiores ao das metalúrgicas de São Paulo, ainda são menores do que os dos homens da Região – R\$ 3.400.

“Isso acontece porque os homens estão em cargos de maior remuneração. Uma mulher que exerce uma função igual a do homem recebe o mesmo salário. A diferença se dá porque os homens são ferramenteiros, ajustadores, engenheiros, tecnólogos e as mulheres estão nas funções de base. Isso mostra que deve haver um programa de ascensão das mulheres a cargos de maior remuneração”, afirmou Sérgio Nobre.

De acordo com o estudo da subseção do Dieese, a maioria das trabalhadoras da base está empregada no subsetor de autopeças (29,4%); tem entre 24 e 39 anos (71,6%) e é horista (51%). Nas montadoras, porém, a maioria delas (62%) é mensalista.

“As mulheres da categoria que têm de 24 a 29 anos, considerada a faixa de jovens, representam 40% da base. Isso significa que o 2º Congresso terá que discutir e definir políticas voltadas à juventude”, afirmou Nobre. Por outro lado, quase 60% das trabalhadoras metalúrgicas têm mais de 30 anos de idade. “Isso é positivo pois mostra que há estabilidade no emprego no setor. Quando se tem muitos jovens a rotatividade é maior”, indica o sindicalista. >>>

>>> Participação de metalúrgicas pode dobrar no ABCD

Escolaridade – Ainda de acordo com o estudo do Dieese, o nível de escolaridade das metalúrgicas do ABCD aumentou entre 1996 e 2008. Durante o período, o índice de trabalhadoras que concluíram o Ensino Médio saltou de 18,8% para 52,7%, assim como o percentual de mulheres da categoria que têm superior completou passou de 5,5% para 12,9%.

Nas montadoras, quase 60% das trabalhadoras concluíram o ensino superior, contra 20% de metalúrgicas que conquistaram diploma do 3º grau. As metalúrgicas das montadoras que concluíram Ensino Médio também superaram os homens – 42% contra 17%.

“Mas, é preciso haver programa de acesso das mulheres ao ensino superior. Ter como pauta a subvenção escolar pelas empresas e facilitar o acesso à universidade é um tema importante para a categoria. Na outra ponta, fora das montadoras, quase 20% das trabalhadoras tem o ensino fundamental incompleto e isso é muito elevado. Por isso, deve haver programa de formação para estas mulheres. É um desafio que cabe ao 2º Congresso das Mulheres Metalúrgicas”, indicou Nobre.

O presidente do Sindicato ainda destacou que quase 60% das mulheres que trabalham em montadoras da Região estão há mais de cinco anos no emprego. “Isso significa que estão em áreas administrativas, são secretárias e que tem qualificação. No entanto, tirando as montadoras, 52,3% das mulheres da categoria têm menos de três anos de ‘casa’. “Então, fora das montadoras, as mulheres ocupam cargos de produção, onde a rotatividade e a substituição é mais fácil. Quanto maior a qualificação, maior a estabilidade”, indicou Nobre.

Prioridade – A presença da pré-candidata à presidência da República e ministra-chefe da Casa Civil, na abertura do 2º Congresso das Mulheres Metalúrgicas também foi destacada por Nobre nesta terça-feira. “Acabamos de ver que as mulheres tem dificuldades de ascender a cargos de chefia nas empresas (metalúrgicas do ABCD). Ela servirá de inspiração. Ela tem identidade com nossa luta pela democracia. Ela ocupou um espaço muito importante dentro do governo Lula e, independente do resultado da eleição, disputa com possibilidade de vitória. A vinda dela ao Congresso é muito importante, pois ela é muito vitoriosa”, finalizou.

Luiz Inácio Lula da Silva era o presidente do Sindicato dos Metalúrgicos do ABC em 1978 quando idealizou o 1º Congresso da Mulher Metalúrgica. Após 32 anos, o anfitrião do encontro é o convidado de honra do segundo encontro. (*Vinicius Morende - vinicius@abcdmaior.com.br*) (ABCD Maior, 23.03.2010)

Congresso deve fortalecer reivindicações femininas

Presidente e ministra confirmaram presença no 2º Congresso da Mulher Metalúrgica; trabalhadoras querem avanços nas reivindicações

Luiz Inácio Lula da Silva era o presidente do Sindicato dos Metalúrgicos do ABC em 1978 quando idealizou o 1º Congresso da Mulher Metalúrgica. Após 32 anos, o anfitrião do encontro é o convidado de honra do 2º Congresso, que começa na próxima quinta-feira (25/03) e vai até sábado (27/03). A ministra-chefe da Casa Civil Dilma Rousseff acompanhará o presidente no primeiro dia de evento. A expectativa das sindicalistas é que o encontro fortaleça as reivindicações da parcela feminina da categoria.

A criação do Coletivo de Mulheres do Sindicato é um dos resultados do 1º Congresso. No evento deste ano, as metalúrgicas esperam avançar nas conquistas. “Antes, as primeiras reivindicações que eram descartadas na mesa de negociação eram as questões femininas. Pedidos, como creche, eram exclusivamente das mulheres, mas o filho não é só da mulher”, explicou a psicóloga e pesquisadora Raquel Moreno, que organizou o encontro de 1978.

“Não queremos o rebaixamento dos salários dos homens para compensar a disparidade salarial. Queremos uma renda digna para todos”, afirmou a psicóloga que palestrará no encontro deste ano. De acordo com o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), as mulheres ganham cerca de 70% do rendimento dos homens.

As trabalhadoras que participarão do 2º Congresso contribuirão para a criação de uma carta de intenções que será encaminhada para a direção do Sindicato e defendida nas pautas de reivindicações e possíveis acordos. “Queremos focar a ação da mulher no mercado de trabalho”, afirmou a presidente do Coletivo de Mulheres do Sindicato, Simone Viera. De 100 mil trabalhadores metalúrgicos no ABCD, cerca de 14 mil são mulheres. (*Colaborou Cinthia Isabel*) (*Deise Cavignato - deise@abcdmaior.com.br*) (ABCD Maior, 23.03.2010)

Em defesa de emprego e renda

Greve geral paralisa França

A segunda greve geral em menos de dois meses paralisa a França nesta quinta-feira (19). Os sindicatos reivindicam mais apoio ao emprego e ao poder de compra da população e as pesquisas indicam o apoio massivo do país aos grevistas. As mais de 200 manifestações previstas juntaram milhões de trabalhadores nas ruas, mas o governo avisou que não aumentará o pacote de ajudas às vítimas da crise e do desemprego.

No início do dia, as complicações já afetavam o sistema de transportes, obrigando o aeroporto de Orly a anular um terço dos vôos e os ferroviários a anunciarem uma adesão semelhante à da última greve. Os atrasos e complicações nos transportes estenderam-se às principais cidades.

Os trabalhadores da Caterpillar de Grenoble ocuparam a fábrica em protesto contra o anúncio da demissão de 733 trabalhadores e os mil trabalhadores da fábrica Continental em Clairoux, ameaçada de fechamento e que se tornou num dos símbolos da crise, desfilaram em protesto logo pela manhã.

A grande mudança em relação a anteriores protestos é o clima de apoio ao movimento que atravessa a sociedade. Numa sondagem publicada pelo jornal Liberation, 62% dos entrevistados (e 42% dos eleitores de Sarkozy) dizem-se "solidários" com a greve. Quando a pergunta é se os motivos justificam a greve, o apoio sobe para 78% (53% dos apoiadores do partido do governo).

A crise e o desemprego que afetou mais 90 mil franceses só em janeiro - o dobro do mês anterior - fizeram soar as campainhas de alarme na sociedade francesa. Depois da greve geral de 29 de janeiro, que juntou mais de um milhão nas manifestações de protesto, o governo Sarkozy apresentou um pacote de ajuda de 2,6 bilhões de euros, entre benefícios fiscais e medidas de apoio ao emprego. Mas na véspera do novo protesto, o governo de direita fez questão de dizer que não irá ampliar a ajuda às vítimas da crise. Mas o pacote é insuficiente para estabilizar a economia e o emprego, pelo que os sindicatos insistem em que não devem ser os trabalhadores a pagar a crise. Nas últimas semanas, a notícia da demissão de 555 trabalhadores da petrolífera Total, pouco depois da empresa ter apresentado lucros de 13,9 bilhões de euros, incendiou ainda mais os ânimos dos franceses e fez aumentar o apoio aos grevistas.

(...) Os líderes da oposição de esquerda participam da manifestação de Paris, com o PS representado pelo presidente da Câmara, Bertrand Delanoë. Também Olivier Besancenot, do Novo Partido Anticapitalista, desfila junto dos carteiros de Hauts-de-Seine antes de se juntar ao cortejo do partido. A secretária-geral do PCF, Marie-George Buffet, e o líder do Partido de Esquerda, Jean-Luc Mélenchon, estarão juntos na manifestação, tal como nas próximas eleições europeias. A lista Europe-Ecologie, que junta Daniel Cohn-Bendit a José Bové, também integra o protesto desta quinta-feira. (Esquerda.Net , 19.03.2010)

Esquerda derrota Sarkozy

O eleitorado francês - ou melhor, a metade que se abalou a votar no segundo turno da disputa pelos governos regionais do país, domingo passado - infligiu ao presidente Nicolas Sarkozy uma derrota que excedeu as suas previsões mais pessimistas. As pesquisas já vinham indicando que o partido de Sarkozy, a União por um Movimento Popular (UMP), de centro-direita, pagaria nas urnas pela insatisfação generalizada dos franceses com os projetos de reformas econômicas e sociais do presidente, quando o desemprego, passando de 10%, é o maior entre os principais países da União Europeia (e também ligeiramente superior ao dos Estados Unidos). Mas não se supunha que o protesto seria tão contundente.

Das 26 regiões em que o país foi dividido pela reforma administrativa de 1986 - 22 das quais na França continental -, a UMP só conseguiu vencer em 3: Alsácia, Guiana Francesa (na fronteira com o Brasil) e Ilhas Reunião (no Oceano Índico). As demais escolheram candidatos do Partido Socialista. E nenhum dos 20 ministros que se candidataram à presidência de alguma região conseguiu se eleger. Há três anos, quando Sarkozy superou por 53% a 47% a socialista Ségolène Royal na eleição nacional, tornando-se o primeiro candidato desde 1974 a chegar ao Palácio do Eliseu na tentativa inicial, os jornais e as mesas-redondas na televisão francesa se encheram de necrológios sobre o crepúsculo inexorável da esquerda. (...) (Estado de S.Paulo, 24.03.2010)

Diretor do Vox Populi vê vitória de Dilma já no 1º turno

"Não é impossível imaginar que a Dilma ganhe a eleição já no primeiro turno", afirmou ontem (22) o diretor do instituto Vox Populi, João Francisco Meira, durante debate promovido pela **Associação Brasileira de Empresas de Pesquisas** "Não é impossível imaginar que a Dilma ganhe a eleição já no primeiro turno", afirmou ontem o diretor do instituto Vox Populi, João Francisco Meira, durante debate promovido pela Associação Brasileira de Empresas de Pesquisas que reuniu, em São Paulo, diretores dos principais institutos do país e mais o professor **Marcus Figueiredo**, do Iuperj (Instituto Universitário de Pesquisa do Rio de Janeiro).



De acordo com reportagem veiculada na noite de ontem pelo portal estadão.com.br, o crescimento da pré-candidata do PT à Presidência, Dilma Rousseff, "ante a estagnação de seu provável adversário", José Serra (PSDB), "tem impressionado", além do diretor do Vox Populi, a diretora do Ibope, Márcia Cavallari, e os diretores dos institutos Datafolha e Seensus, respectivamente Mauro Paulino e Ricardo Guedes.

João Francisco Meira, diz a reportagem, "deu o palpite mais ousado" do debate ao considerar a hipótese de que Dilma seja eleita presidente já no primeiro turno. Pela análise do diretor do Vox Populi, a decisão da disputa presidencial será fortemente influenciada pela economia, que é, segundo Meira, o principal trunfo do Governo Lula. Outro aspecto decisivo, na avaliação dele, será o ideológico. "Nesse caso", observou,

"56% das pessoas se definem como sendo de esquerda e 30% como eleitores do PT".

O diretor do Vox Populi citou também como decisivo para o pleito presidencial o tempo a ser ocupado pelos candidatos nos espaços de propaganda eleitoral gratuita da TV. E observou que a construção das alianças deve garantir tempo maior a Dilma.

De acordo com a reportagem do estadão.com.br, a avaliação do diretor do Vox Populi sobre as chances de eleição da candidata do PT "é parecida com a de Ricardo Guedes" do instituto Sensus.

"Dilma tem produto para mostrar, a economia. O Serra não tem. Hoje a tendência é muito mais pró-Dilma", afirmou Guedes.

Márcia Cavallari, do Ibope, e Mauro Paulino, do Datafolha, também admitiram que o cenário é favorável a Dilma, segundo o relato do estadão.com.br.

"O que a gente sabe é que o eleitor se sente muito confortável de ter votado no Lula e agora fazer essa avaliação de que acertou. Ele pensa: 'Acertei, e o país está tendo avanços'. O eleitor considera que os avanços foram muito mais profundos no Governo Lula. A comparação com o governo FHC é prejudicial para o Serra", afirmou a diretora do Ibope.

A reportagem do estadão.com.br informa que, "reservadamente", Márcia Cavallari destacou que "não só a Dilma está crescendo, como há tendência de queda de Serra, ainda que dentro da margem de erro" das pesquisas.

Mauro Paulino, do Datafolha, lembrou que, na pesquisa realizada em dezembro pelo seu instituto, 15% dos eleitores não sabiam que Dilma era a candidata do Lula, mas queriam votar na candidata do Lula.

"E o que nós observamos em fevereiro, é que ainda há margem de crescimento para Dilma".

Segundo o diretor do Datafolha, a dúvida é saber se Dilma vai transmitir ao eleitorado que tem a mesma capacidade de administração que Lula tem.

"O eleitor vai poder comparar Serra com Dilma, Dilma com Lula". (*Brasília Confidencial*, 23.03.2010)

Proteção aos trabalhadores

Vicente Paulo da Silva

Acidentes de trabalho ainda matam milhares de trabalhadores no Brasil

Os ataques que o setor empresarial atrasado desfere contra a classe trabalhadora não têm limites. Desta vez querem acabar com mais uma conquista que beneficia, inclusive, as boas empresas. Trata-se do FAP (Fator Acidentário de Prevenção) e do SAT (Seguro Acidente de Trabalho).

Neste momento me junto às centrais CUT, CGTB, CTB, Força Sindical, NCST e UGT, que lançaram nota conjunta em defesa do FAP e do SAT, alvos constantes de ataques do empresariado reacionário, capitaneado pela CNI (Confederação Nacional da Indústria).

A entidade empresarial chegou a exigir a revogação do Decreto nº 6957/2009, editado pelo Ministério da Previdência, que cria o FAP e reajusta o SAT. O FAP é um instrumento eficiente, pois premia aquelas empresas que adotam políticas efetivas de prevenção em saúde e segurança no trabalho, diminuindo a alíquota do SAT em até 50%. E pune empresas que não o fazem, aumentando a alíquota.

Em 2007 foram registrados 653,1 mil acidentes de trabalho, aumento de 27,5% em relação a 2006. Morreram 2.804 trabalhadores e 8.504 foram incapacitados permanentemente. Os números demonstram a extrema necessidade de uma política pública ofensiva para diminuí-los.

A CNI, ao se posicionar contra o decreto, defende as empresas que adoecem, incapacitam, acidentam e matam trabalhadores. Empresas que jogam para a sociedade através da Previdência Social o custo da sua irresponsabilidade! As centrais denunciam essa “irresponsabilidade para com a vida dos trabalhadores” e reafirmam a luta em defesa de todos os instrumentos, “que efetivamente previnam o acidente e o adoecimento no trabalho”.

A classe empresarial precisa perceber que a classe trabalhadora merece muito mais do que bons salários. Não pode mais querer enxergar só o seu lucro e fazer vistas grossas para as doenças e os acidentes decorrentes das suas atividades.

A todo o momento, é uma nova investida, como a terceirização (que precariza salários e condições de trabalho), o trabalho escravo e infantil (flagrados sistematicamente pela fiscalização do Ministério do Trabalho), a discriminação contra mulheres e o povo negro (percebendo baixos salários), a jornada excessiva de trabalho, e por aí vai...

França, Canadá, Espanha, Colômbia, Argentina, Chile e México cobram, em média, em seus tetos máximos a taxa de acidentes quatro vezes mais que o Brasil. É a instituição de um novo tempo no setor, para que possamos diminuir o Custo Brasil, que consome anualmente quase 2% do nosso PIB, ou seja, mais de R\$ 54 bilhões em despesas diretas e indiretas, em decorrência da acidentalidade e das condições insalubres e perigosas no trabalho.

Ninguém precisa pagar mais pelo SAT. Basta adotar uma postura proativa na solução dos problemas e praticar o trabalho decente. A hora é de cada empresa desenhar medidas de combate aos acidentes e doenças entre seus funcionários. Assim, nas reavaliações de 2011 e 2012, seus índices cairão e uma merecida redução da alíquota será aplicada. Isto é o melhor para o País – empresas, governo e, sobretudo, trabalhadores e suas famílias. *(ABCD Maior, 23.03.2010)*

*** Vicente Paulo da Silva, o Vicentino, é deputado federal pelo PT-SP**